

QUANDO O ORGULHO MATA: POSSE MASCULINA, VIOLÊNCIA E RAÍZES CULTURAIS DO FEMINICÍDIO

*WHEN PRIDE KILLS: MALE POSSESSIVENESS, VIOLENCE, AND THE CULTURAL
ROOTS OF FEMICIDE*

Sarah Isadora Cavalcanti Santiago¹

Resumo: É notório que os casos de feminicídio e suas tentativas vêm crescendo em nível alarmante no Brasil, refletindo um grave problema social que ameaça a vida de muitas mulheres. O orgulho masculino e a busca por poder e controle sobre as mulheres configuram-se como fatores centrais que motivam esses crimes, muitas vezes desencadeados por relações de violência doméstica e padrões de comportamento abusivos. Movimentos como o “redpill” têm reforçado atitudes machistas e contribuído para a perpetuação desse tipo de violência, tornando o problema ainda mais evidente. Apesar da existência de leis como a Lei Maria da Penha, sua aplicação apresenta falhas significativas, o que favorece a continuidade dos crimes e a sensação de impunidade. Diante desse cenário alarmante, torna-se essencial discutir a segurança pública feminina e a educação para a igualdade de gênero, medidas que podem ajudar a conter a escalada dos feminicídios e reduzir os riscos enfrentados diariamente por mulheres em todo o país. O presente artigo, baseado em pesquisas qualitativas, busca analisar os principais fatores relacionados ao aumento dos casos de violência contra a mulher, evidenciando a lógica de posse masculina como um elemento central nesses atos de violência.

Palavras-chave: feminicídio, orgulho masculino, papéis de gênero

Abstract: Cases of femicide and attempted femicide have been increasing at an alarming rate in Brazil, reflecting a serious social problem that threatens the lives of many women. Male pride and the pursuit of power and control over women are key factors motivating these crimes, which often stem from situations of domestic violence and patterns of abusive behavior. Movements such as the “red pill” movement have reinforced sexist attitudes and contributed to the perpetuation of this form of violence, making the problem even more evident. Despite the existence of legislation such as the Maria da Penha Law, significant shortcomings in its enforcement contribute to the persistence of these crimes and a sense of impunity. Given this alarming situation, it is essential to discuss women’s public safety and education for gender equality as measures that may help curb the rise in femicides and reduce the risks faced daily by women throughout the country. Based on qualitative research, this article seeks to analyze the main factors associated with the increase in cases of violence against women, highlighting the logic of male ownership and possession as a central element in these acts of violence.

Keywords: *Femicide; Male Pride; Gender Roles.*

¹ Centro Universitário do Vale do Ipojuca – UNIFAVIP Wyden. E-mial: sarahisadora85@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Eliza Samudio, Ângela Diniz, Dandara dos Santos, Sônia Cristina Gracini, Tainara Souza Santos, Pricilla Verson e Eloá Cristina são apenas alguns nomes de mulheres vítimas de feminicídio no Brasil. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2026), nos últimos cinco anos, os registros de feminicídio cresceram 14,5%, número que se mantém constante. Mas, afinal, quais são as causas desse alarmante aumento?

Historicamente, fomos ensinados que existem papéis sociais distintos: o masculino, associado à autoridade e ao poder; e o feminino, ligado à delicadeza e à necessidade de proteção. Mas proteção de quem? dos próprios homens. Isso gera uma contradição clara: o mesmo grupo que aparece como protetor é também o que, estatisticamente e historicamente, mais representa ameaça.

Conforme Carvalho e barreto (2022), esse triste cenário, que, segundo alguns dados coletados, parece crescer nos últimos anos, também reflete uma cultura machista que se encontra na base de identidades sociais masculinas incapazes de reconhecer a mulher como pessoa dotada de liberdade e autonomia. A análise das motivações por trás desses crimes revela que a maioria está relacionada à recusa de aceitar a liberdade de escolha da mulher. Homens que não aceitam um “não” interpretam essa negativa como uma afronta ao próprio orgulho e se sentem no direito de “cobrar” algo que não lhes diz respeito.

A cultura da violência e da posse envolve a interação entre diferentes formas de violência - direta, estrutural e cultural. Nesse sentido, Johan Galtung destaca que a violência cultural compreende elementos simbólicos que legitimam e justificam outras formas de violência, indo além das agressões físicas e incluindo injustiças sociais e processos de exploração (PAULINO AZZOLINI, 2024).

Devido à rígida definição dos papéis de gênero, o “não” passou a ser percebido como uma provocação por aqueles que acreditam ter poder sobre as mulheres. Frases como “pra mim você não nega”, “você é minha”, “mulher minha não sai sem mim”, “eu sou o homem e mando



em você” ou “mulher que se veste assim só pode estar pedindo” são frequentemente usadas para justificar atos de violência.

Além disso, a responsabilidade pelo crime muitas vezes é transferida para a mulher, mesmo quando a violência parte do homem. Frases como “por que você saiu a essa hora?” ou “você não deveria ter discutido com ele” exemplificam como a culpabilização da vítima reforça uma cultura de impunidade e naturaliza a violência de gênero.

Diante desse contexto, o presente estudo objetiva reforçar a importância de uma educação para a igualdade de gênero e o incentivo à implementação de políticas de segurança para as mulheres, medidas que, se aplicadas, podem contribuir para a redução dos casos de feminicídio no país.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Refletir sobre a violência de gênero implica, antes de tudo, voltar o olhar para as bases sociais e culturais que a sustentam. “O feminicídio nada mais é do que o último estágio de um problema que começa na criação dos meninos” (EBONY, 2026, GloboNews). Sob esse prisma, essa afirmação evidencia que a violência de gênero é fruto de estruturas sociais e culturais que moldam comportamentos desde a infância. Segundo Connell (2005), a masculinidade hegemônica ensina meninos a valorizar poder, autoridade e controle, enquanto desencoraja empatia e vulnerabilidade, legitimando a dominação masculina. Complementarmente, Butler (2025) afirma que os papéis de gênero são performativos, aprendidos e repetidos socialmente, reforçando normas que incentivam comportamentos de posse e controle sobre mulheres.

Esses modos de socialização sustentam a cultura da violência e da posse, envolvendo violência direta, estrutural e cultural. Segundo Galtung (1990) a violência cultural compreende normas e crenças que legitimam outras formas de violência, incluindo injustiças sociais e exploração (AZZOLINI, 2024). No contexto do feminicídio, essa lógica se manifesta na naturalização da dominação masculina e na culpabilização da vítima, criando um ciclo de impunidade e desigualdade de gênero.



3. METODOLOGIA

O presente estudo é constituído por uma análise documental (Cellard, 2008) centrada nas questões sobre posse masculina, violência e raízes culturais do feminicídio. A pesquisa parte de um conjunto de informações referentes ao aumento de casos de feminicídio e causas que influenciam tais ações. O feminicídio foi tipificado como crime no Brasil em 9 de março de 2015, com a Lei nº 13.104/2015.

Assim, a pesquisa faz uma análise explorativa sobre o tema através de documentários, artigos e livros. Os documentos analisados possuem finalidade em argumentar questões de papéis de gênero, sociais e suas consequências na população.

Em um segundo momento foram analisados o índice de casos de feminicídio no Brasil e suas principais causas, com base na análise de conteúdo descrita por Laurence Bardin (1991), onde se permitiu evidenciar em que regiões, quais os vínculos entre o agressor e a vítima e quais vítimas, costumam ser mais afetadas por tal ato de violência.

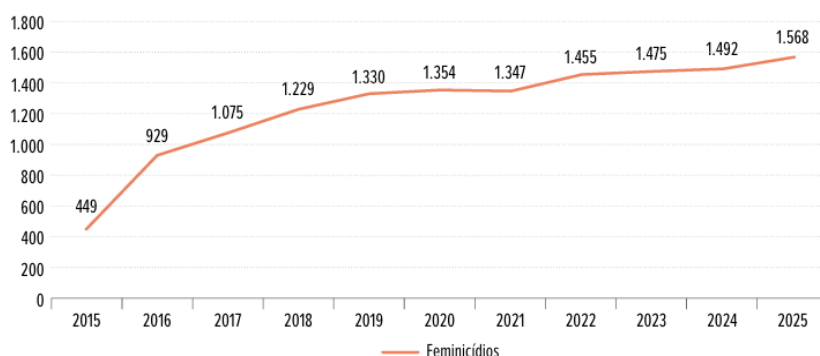
Essa análise foi feita em três etapas: (1) a pré-análise, que consiste na seleção do material e na leitura inicial do conteúdo; (2) a exploração do material, que envolve a codificação e a organização dos dados em categorias; e (3) o tratamento dos resultados, etapa em que os dados são interpretados com base no referencial teórico adotado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo evidencia que a idealização rígida dos papéis de gênero contribui diretamente para a desvalorização da mulher e de suas opiniões, reforçando a ideia de posse masculina sobre o corpo e as decisões femininas. Esse fenômeno reflete uma insensibilidade estrutural e cultural em relação à violência de gênero, conforme discutido na fundamentação teórica, especialmente na perspectiva da masculinidade hegemônica e da violência cultural (Galtung, 1990; Connell, 2005). Os resultados obtidos indicam que tais percepções não apenas legitimam comportamentos abusivos, mas também perpetuam a culpabilização da vítima, mantendo um ciclo de desigualdade e impunidade.



Gráfico 1 - vítimas de feminicídio entre os anos de 2015 e 2025 no Brasil.



Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2026.

Observa-se um aumento progressivo nos casos de feminicídio ao longo dos anos, evidenciando a persistência e o agravamento da violência de gênero no Brasil

O feminicídio reflete a desigualdade de gênero estrutural, caracterizado pelo assassinato de mulheres, em sua maioria por homens próximos, quando a autonomia feminina é percebida como ameaça à autoridade masculina.

Dessa forma, a análise deste estudo busca compreender como construções socioculturais de gênero contribuem para a naturalização da violência contra a mulher, relacionando esses padrões às motivações recorrentes nos casos de feminicídio.

5. CONCLUSÃO

Diante do exposto, é imprescindível fortalecer estruturas de segurança pública voltadas à proteção das mulheres e investir em programas de educação que promovam a conscientização e a psicoeducação sobre igualdade de gênero e prevenção da violência.



O estudo evidenciou que o feminicídio é um fenômeno social e cultural complexo, em que alegações e idealizações machistas frequentemente transferem a culpa para a mulher, reforçando a desigualdade de gênero.

Como afirma Françoise Giroud: “A mulher será realmente igual ao homem no dia em que uma mulher incompetente for nomeada para um cargo importante.” Essa afirmação reforça a urgência de mudanças culturais, educativas e jurídicas que reduzam a vulnerabilidade das mulheres e avancem na construção de uma sociedade mais igualitária.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2025**. Brasília, DF: Ipea; FBSP, 2025. 174 p. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/17165>. Acesso em: 15 jul. 2026.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Retrato dos feminicídios no Brasil**. São Paulo: FBSP, 2026. 32 p. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2026/03/nota-tecnica-dia-mulher-2026.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA JUNIOR, Eduardo Brandão; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Adriana Cristina Omena dos; SCHNEKENBERG, Guilherme Fernando. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo, v. 20, n. 44, p. 36–51, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356>. Acesso em: 15 jul. 2026.

STABILE, Arthur; MUNIZ, Bianca. Feminicídio: Brasil registra recorde histórico em 2025; quatro mulheres são assassinadas por dia no país. **G1**, 20 jan. 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2026/01/20/brasil-registra-recorde-historicos-de-femicidios-em-2025-quatro-mulheres-sao-assassinadas-por-dia-no-pais.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2026.

